

PSDB dividido não sabe quem apoiar no segundo turno

Brasília — Objetiva Press

João Bosco Rabello

Fotos de arquivo

BRASÍLIA — O governador do Ceará, Tasso Jereissati, o senador José Richa (PR), o deputado José Serra (SP) e o ex-governador Franco Montoro formam o grupo de resistência a uma posição que a cúpula do PSDB tenta formalizar, há três dias, contra qualquer negociação com o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, no segundo turno. Dos quatro, Richa tem sido o mais explícito, colocando objeções a acordos com o PDT ou PT. Especialmente em relação a este, Richa senador tem sido veemente. "Tenho dificuldades e sérias restrições a um acordo com Lula", disse durante a reunião de ontem em São Paulo, a terceira desde o início da apuração.

O senador Mário Covas acha que um acordo com Fernando Collor descaracterizaria o partido, que conquistou nessas eleições o espaço de centro-esquerda e, por isso, equivaleria a anular todo o esforço de campanha que resultou no seu fortalecimento. Covas considerou excelente o desempenho eleitoral do PSDB, segundo testemunho de um dos participantes da reunião e descartou completamente um acordo com o PRN. "Isso tudo é boato", garantiu um aliado do candidato *tucano*.

O prefeito licenciado de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, é um dos que também descartam o acordo com o PRN. Ele acha que não pode haver dúvida no segundo turno: o apoio tem necessariamente que ser dado ao candidato identificado com a corrente progressista. O senador alagoano Teotônio Vilela Filho, responsável pela segunda colocação obtida por Covas no estado de Fernando Collor, chegou a ser áspero com Richa, lembrando que o desempenho do partido no Paraná fora "desastroso" e recomendou ao senador mais "humildade" ao defender posições em nome do partido. "O Collor é da extrema-direita truculenta, fisiológica, mais próxima do *Robertão* (ministro Roberto Cardoso Alves, da Indústria e Comércio)", disse Vilela.

Discreção — O deputado José



Covas não aceita Collor



Tasso não fecha a porta

Serra acha natural estabelecer um canal de diálogo com Fernando Collor, mas tem se mantido discreto na defesa dessa posição, em razão da veemência da maioria que a rejeita. Nas três reuniões realizadas até agora, ele tem evitado declarações contundentes, mas sabe-se que discorda do fechamento de questão contra o acordo com o PRN. O governador Tasso Jereissati também não descarta a possibilidade de um acordo com Collor, com quem conversou antes de aderir a Covas e a quem disse na ocasião que sua vitória no Ceará independia do apoio do governador. "Estamos na fase das declarações apaixonadas. Quem decide é a maioria do partido", avalia o deputado e empresário Expedito Machado, aliado de Tasso e pai do secretário de Governo cearense, Sérgio Machado.

O senador Fernando Henrique Cardoso formalmente defende o acordo

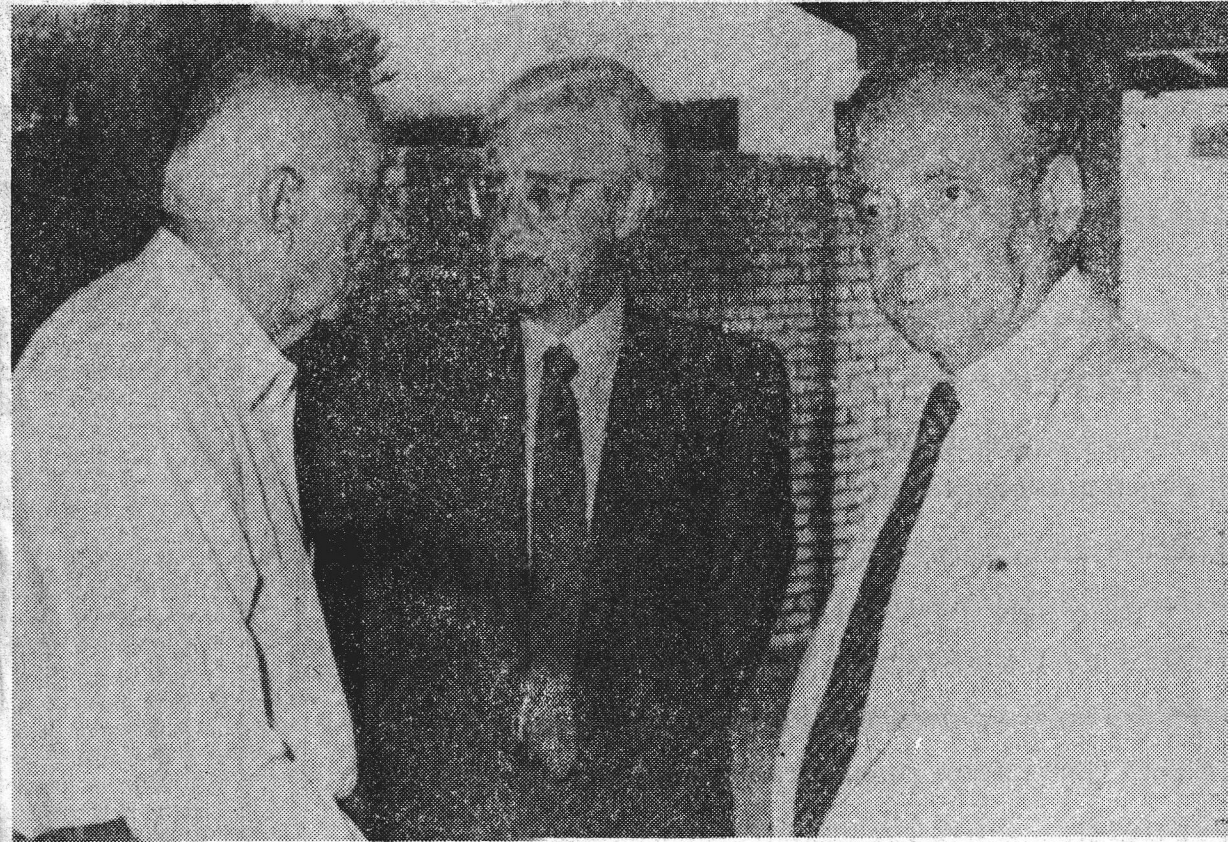


Pimenta também é contra



Richa rejeita PT e PDT

com o representante da esquerda que se defrontar com Collor. "Ninguém vai tomar posição isolada agora", diz. Para evitá-las e também qualquer tipo de precipitação, a cúpula do PSDB definiu um cronograma de reuniões para decidir, em várias instâncias da hierarquia partidária, a posição oficial em relação ao segundo turno. O cronograma prevê três reuniões em Brasília na próxima semana: na terça-feira, da Executiva Nacional, na quarta, da bancada federal, e na sexta-feira, do Diretório Nacional. Até lá, estão desautorizadas versões individuais ou em nome do partido e só é admitida a antecipação de uma condição para apoio a um candidato no segundo turno: a antecipação do plebiscito sobre o sistema de governo, promessa de campanha de Covas para abrir a perspectiva de implantação do parlamentarismo antes de 1993, ano do plebiscito marcado pela Constituição.



Ulysses, Moreira e Waldir começaram a discutir a sorte do PMDB depois da derrota